

Tiroteios em massa nos EUA

Em 2021, já foram 147 ataques do gênero no país. Pesquisas indicam que ataques são influenciados por doenças mentais graves, disponibilidade e legislações permissivas sobre armas de fogo e, em alguns casos, até adesão a ideologias radicais

Caroline Moreira Back
28 de abril de 2021

FRAMEPHOTO/FOLHAPRESS



Levantamento do FBI sobre o comportamento de atiradores em massa nos Estados Unidos aponta que 40% dos autores adquiriram as armas no mercado legal

No último dia 16 de abril ganhou repercussão internacional um [ataque a tiros](#) realizado na empresa de entregas Fedex, em Indianápolis, Estados Unidos (EUA), em que um homem matou oito pessoas e deixou vários feridos. Assim que a polícia chegou, o atirador cometeu suicídio. Esse tipo de situação configura o que denominamos assassinato em massa (*mass murder*).

Conforme a definição proposta pelo FBI, *assassinato em massa consiste no homicídio de quatro ou mais vítimas em um mesmo local ou cena de crime*. Essa definição muitas vezes é usada para diferenciar os assassinatos em massa dos assassinatos em série (quando também existem várias vítimas, porém há um período de “resfriamento” entre os crimes).

No entanto, utilizar essa definição nos traz uma limitação importante: ao restringir o fenômeno “assassinato em massa” à quantidade de vítimas fatais, esquece-se que possivelmente o fator mais relevante nesses casos é o perfil específico do perpetrador; ou seja, para compreender o fenômeno não é tão relevante a efetividade do agente em fazer vítimas fatais, mas sim a motivação e a intenção em fazê-las.

Por esse motivo, ao pensar o fenômeno com base nas motivações e características do agente, mais relevante é considerar os casos de “*mass shooting*”, ou seja, os tiroteios em massa, não importando, nesse caso, quantas são as vítimas fatais do ataque, mas sim a intenção e o comportamento efetivo do atirador. É o foco que daremos neste artigo.

Os casos de tiroteios em massa, infelizmente, não são incomuns. Segundo dados do *Gun Violence Archive* (grupo de pesquisa sem fins lucrativos que cataloga os incidentes de violência armada nos EUA) [publicados pelo jornal norte-americano *The New York Times*](#), foram mais de 600 tiroteios em massa nos EUA em 2020. Em 2021, somente até o dia 16 de abril (dia do ataque em Indianápolis), já haviam sido contabilizadas 147 ocorrências.

Qual o perfil do atirador em massa?

O FBI produziu um levantamento sobre os [comportamentos de atiradores em massa](#) antes de cometerem os ataques, com base nos casos ocorridos naquele país entre os anos de 2000 a 2013. De início, o documento traz alguns importantes alertas: não há um único perfil de atirador em massa, tampouco um sinal de alerta definitivo ou lista de comportamentos que indiquem antecipadamente a ocorrência de um tiroteio em massa.

Entretanto, com base no levantamento realizado, foram identificadas algumas características mais frequentes. A mais marcante, corroborada por outros estudos sobre o tema, é a predominância do sexo masculino (94%). Outras questões importantes analisadas: 73% dos atiradores tinham algum tipo de conexão com os locais escolhidos para o ataque e 40% deles adquiriram armas legalmente.

O ataque é comumente precipitado por gatilhos comportamentais. Os principais estressores identificados foram: questões de saúde mental (62%), seguido de problemas financeiros (49%) e relacionados ao trabalho (35%). Em geral, não há tentativa de evitar a captura e é comum que os indivíduos optem pelo suicídio ou o provoquem por meio de um tiroteio fatal com a polícia (suicídio por intervenção policial).

Por que as ocorrências são mais frequentes nos EUA?

Os estudos já realizados indicam que não existe uma única razão capaz de explicar essa prevalência, pois, assim como outros tipos de crimes, os tiroteios em massa são fenômenos multicausais que envolvem uma combinação de fatores biopsicossociais. Considerando a complexidade do tema, uma das dificuldades para identificar esses fatores é a possibilidade de realizar pesquisas consistentes que consigam combinar tantas variáveis. Porém, alguns estudos podem fornecer pistas para um melhor entendimento dessa questão.

Anisin (2018) analisou casos de tiroteio ocorridos no país entre 1997 e 2015. Destes, alguns se tornaram grandes massacres, com inúmeras vítimas fatais. Ao analisar os casos, o autor concluiu que os tiroteios são influenciados de forma proeminente por uma combinação de doenças mentais graves, disponibilidade de armas de fogo, legislações permissivas quanto ao acesso às armas e, em alguns casos, adesão a ideologias radicais.

Nesse sentido, um dos maiores especialistas no assunto, Adam Lankford (2016), defende que a facilidade de acesso a armas de fogo é uma das mais importantes razões para que os EUA sejam um líder nas ocorrências desse tipo de massacre. Além disso, atiradores em massa geralmente não têm históricos criminais importantes e, assim sendo, não encontram dificuldades na aquisição de armas por meios legais (Fox & DeLateur, 2013)⁷.

No entanto, embora a maior prevalência desses casos seja nos EUA, aqui no Brasil já tivemos vários exemplos, o que reforça a ideia: será possível evitar? O que podemos dizer é que, embora seja impossível prever o comportamento violento, é possível prevenir alguns ataques por meio de estratégias eficazes de avaliação e gerenciamento de ameaças. Nesse sentido, quanto mais conhecermos sobre esses casos, melhores são as chances de evitá-los.

Caroline Moreira Back

Psicóloga na Secretaria de Segurança Pública (GMSJP - PR); Especialização em Segurança Pública; Cursando Pós-Graduação em Neurociência Criminal e Comunicação não-verbal; Graduação em Psicologia (PUCPR); Cursando Graduação em Direito (FESPPR); Membro do Conselho Comunitário de Execuções Penais de São José dos Pinhais (CCEP-SJP)

<https://www.fontesegura.org.br/seguranca-no-mundo1/rpj72e4pyv>

